

E. O. CHIROVICI

Sangue  
ruim

Tradução de  
CAROLINA SIMMER

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

# prólogo

Paris, França, outubro de 1976

O Terminal 1 do aeroporto Charles de Gaulle em Paris parecia um polvo: inúmeros braços formados por corredores e anexos saíam do corpo central, conectando as áreas de serviço com o restante. Era um lugar futurístico, lotado e barulhento, e, ao entrar no vasto saguão de entrada, o rapaz sentiu uma vontade quase irresistível de dar meia-volta e fugir.

Ele havia comprado sua passagem no dia anterior, em uma agência próxima à Rue de Rome. Ainda faltavam quatro horas para o voo, então teria de passar muito tempo naquele lugar em que o ar parecia rarear a cada minuto.

O rapaz pegou a mala e seguiu para o segundo andar, em busca de um assento. A segurança havia sido reforçada desde junho, quando um avião da Air France fora sequestrado por terroristas e desviado para Uganda, com 248 passageiros a bordo. Havia guardas por todo o lado, equipados como se participassem de um filme pós-apocalíptico. Ele tentou não cometer o erro de encará-los, para não chamar atenção.

No fim do corredor, encontrou uma mesa vazia em uma cafeteria, pediu um espresso duplo e colocou a mala em cima da cadeira. A visão através da janela era de deprimentes nuvens de chuva flutuando no céu que escurecia, aviões alinhados diante

dos hangares, equipes de manutenção e ônibus cheios de passageiros pululando em meio a eles. Em um radinho próximo, “Killing Me Softly”, de Roberta Flack, tocava baixo — uma ironia do destino.

Ele estava decidido a não pensar muito no que havia acontecido duas noites antes, pelo menos não até voltar aos Estados Unidos. Era possível que os pais dela já tivessem prestado queixa, e as autoridades estivessem em alerta. Nesse caso, ele teria se tornado um dos principais suspeitos, e uma das prioridades da polícia seria impedi-lo de deixar o país. E ele precisava sair dali, voltar à segurança de seu lar — como aquela palavra soava preciosa, lar, ele pensou — e ver se o plano que iniciara daria certo.

O problema não era apenas a questão legal. A ideia de nunca mais vê-la era agonizante. Sempre que pensava nisso, o rapaz sentia como se tivesse levado um soco na barriga. Ele sempre tivera medo do irreversível, de ações que nunca poderiam ser consertadas, não importava quem fosse o responsável por elas.

Quando tinha 6 anos, ganhara um peixe dourado de presente, em um aquário com o formato de meia bola de futebol. Após cerca de um mês, se esquecera de alimentá-lo ou trocar a água — talvez as duas coisas — por alguns dias, e o peixe morrera. Em uma manhã, ele o encontrara boiando, imóvel, como uma pequena joia brilhante. Sua mãe dissera que peixes dourados daquela espécie eram muito sensíveis e não viviam muito de qualquer forma, mas a explicação não o convencera. Ele sabia que a culpa havia sido dele, mesmo que ninguém tivesse lhe dado uma bronca. E não importava o quanto estivesse arrependido, não existia nada que pudesse ser feito.

O rapaz tomava um gole de café quando um homem alto e suado lhe perguntou se podia se sentar à mesa. Ele tomou um susto e quase derramou a bebida, mas concordou com a cabeça, sinalizando que a outra cadeira estava vaga. O homem pediu

um cappuccino e dois croissants, que começou a devorar no instante em que a garçonete os trouxe.

— É a primeira vez que venho ao aeroporto novo — confessou seu colega de mesa. Então limpou algumas migalhas da mesa e gesticulou para os arredores. — Acho que fizeram um bom trabalho, não?

O homem falava francês com um sotaque estranho, enrolando os *rs* e engolindo as consoantes. O rapaz concordou com um murmúrio. Ele limpou os lábios com um guardanapo, imediatamente percebendo que o gesto de esfregar a boca se tornara um pouco compulsivo nos últimos dias, como se tentasse se livrar das marcas de...

— Sangue — disse o homem.

— O quê? — perguntou ele, encarando-o.

— Acho que tem uma manchinha de sangue no seu casaco — explicou o homem. — Eu entendo dessas coisas. Sou médico.

O rapaz tentou encontrar a tal mancha de que o sujeito falava, mas não conseguiu — ela estava perto de seu ombro, e ele teria de tirar o casaco para vê-la.

— Devo ter me cortado enquanto fazia a barba — falou.

De repente, sua garganta ficou seca, e o suor começou a escorrer por suas costas.

— Que estranho. Não estou vendo nenhum corte no seu rosto. Você é inglês?

— Não, americano. Preciso ir. Foi um prazer conhecer você, se cuida.

O homem o encarou parecendo surpreso e murmurou uma resposta, mas ele já tinha se levantado e se misturava aos grupos de pessoas que observavam as vitrines das lojas.

Havia um banheiro do outro lado do corredor. O rapaz entrou em um cubículo e trancou a porta. O cheiro forte de desinfetante o deixou enjoado, e era difícil segurar o café que agora

subia por sua garganta. Ele tirou o passaporte do bolso, abriu-o e encarou a foto, tentando imaginar o próprio rosto. Está bem, disse a si mesmo, está tudo bem. Só preciso aguentar por mais uma ou duas horas e ir embora daqui. Ninguém nunca vai descobrir.

O rapaz saiu do cubículo e analisou seu reflexo no espelho enquanto lavava as mãos. Então viu a mancha que seu companheiro de mesa notara — era do tamanho de uma moeda de dez centavos. Ele tirou o casaco, molhou uma toalha de papel com água e sabão, começou a esfregar a mancha. A toalha logo assumiu um tom fosco e escuro de cor-de-rosa.

Duas horas depois, ele foi até a bancada da companhia de aviação, despachou a mala, subiu até o quarto andar e seguiu determinado para o controle de passaportes. Enquanto esperava na fila, tirou um lenço do bolso e secou os lábios. Ainda conseguia sentir aquela queimação enquanto se aproximava do agente da alfândega e entregava o passaporte pelo vão da vidraça.

**um**

**Nova York, Estado de Nova York, 11 meses antes**

— Senhoras e senhores, boa noite. Eu me chamo James Cobb e, como muitos aqui já sabem, passei os últimos anos concentrando minha pesquisa nos chamados estados de consciência. Especialmente na hipnose. Quero agradecer mais uma vez à Fundação J. L. Bridgewater por ter me feito este convite tão generoso e nos dar a oportunidade de conversarmos hoje à noite.

“Não vou falar sobre o livro que acabei de lançar, que trata do mesmo assunto e que espero que gostem, e sim sobre os caminhos que percorri para chegar às minhas conclusões.

“Há algum detetive, médico forense ou promotor na plateia? Vejo algumas mãos erguidas. Tenho certeza de que qualquer um dos senhores adoraria trocar dias e noites de investigação, centenas de procedimentos, longas horas de interrogatórios e trabalho científico por uma sessão de hipnose em que pudessem fazer uma única pergunta para um suspeito em transe: Você é o culpado?

“Mas as coisas não funcionam assim. Na verdade, não temos nenhuma garantia de que uma pessoa em estado de hipnose dirá apenas a verdade e nada além da verdade, e de que pelo menos dois aspectos fundamentais do processo de comunica-

ção tenham sido completamente eliminados: a dissimulação e a fantasia.

“Por esses mesmos motivos, o detector de mentiras, que foi visto como um milagre pelos detetives no começo, é aceito pelos tribunais apenas como prova circunstancial em certos casos, enquanto, em outros, é completamente dispensado.

“Na década de 1980, alguns psiquiatras fizeram o desserviço de expor supostos casos de rituais satânicos contra crianças, alegando terem descoberto esses abusos anos depois, durante sessões de hipnose com as vítimas já adultas. Hoje, sabemos que muitas vidas foram destruídas naquela época com base nas fantasias criadas por pacientes manipulados por métodos que prometiam ser objetivos. Em transe, os entrevistados não revelavam *lembranças* de verdade, mas tentavam agradar o hipnotizador.

“Minha pesquisa, por outro lado, confirmou que, sob hipnose, a força de vontade do paciente diminui muito, e seu livre-arbítrio praticamente desaparece. É por isso que pessoas em transe podem ter atitudes que, em um estado normal, não teriam, a pedido do hipnotizador.

“Agora, por favor, permitam que eu faça uma simples demonstração. Os senhores terão que responder a duas perguntas, uma depois da outra, o mais rápido possível. Tudo bem, estão prontos? Bem, imaginem que foram convidados para um jantar de gala em um restaurante chique. Certo, então, as plaquinhas de reserva com os seus nomes são de... Certo, de *papel*. Quem matou Caim?

“Sua resposta foi *Abel*, mas tenho certeza de que os senhores sabem tão bem quanto eu que, na Bíblia, acontece o contrário: Caim matou Abel e fugiu para o oriente do Éden, para a terra de Node. Por que os senhores responderam errado? A explicação não é tão simples quanto poderíamos esperar.

“É claro, a associação de palavras entre *papel* e *Abel* é óbvia. Mas por que ela teve um efeito tão forte, o suficiente para distrair os senhores da resposta que sabiam ser a correta? Devemos levar em consideração que fui *eu* quem fez a pergunta, aqui em cima deste palco, alguém a quem todos atribuíram, sem argumentar, um conhecimento superior. Em uma situação dessas, ocorre uma *transferência de responsabilidade*, que é especialmente aparente em casos de conflito armado, quando grandes massas de pessoas seguem seus líderes, sem se importar se essas ordens significarem a morte de boa parte delas. O público automaticamente pressupõe que a pessoa aqui em cima tem habilidades superiores às suas próprias, e, em tais condições, sua capacidade de ser influenciada aumenta.

“Ou imaginem que estão no meio da floresta amazônica, sendo guiados até um abrigo por alguém. A transferência de responsabilidade/credibilidade para o guia seria quase total, porque os senhores estariam em um ambiente potencialmente perigoso, então sua vida está sob uma ameaça iminente.

“Eu dei esses exemplos para ilustrar como as coisas funcionam durante a hipnose. A responsabilidade que o sujeito transfere para o examinador é muito maior em casos de consciência alterada do que nos chamados estados normais. O paciente é guiado por um plano do cérebro que lhe é completamente estranho, mas, ao mesmo tempo, *supõe* que o examinador tem uma noção muito melhor daquele espaço mental. E, cá entre nós, isso realmente não passa de uma suposição.

“Há a questão da relatividade daquilo que chamamos amplamente de *realidade*. Nós ‘sabemos’ que uma cobaia, um objeto ou uma pessoa são *reais* porque, através dos nossos sentidos, coletamos informações, que são processadas pelo cérebro e nos levam a essa conclusão. Sim, o auditório em que os senhores estão sentados existe, a pessoa falando ao seu lado e a projeção em



PowerPoint existem. Todas essas coisas são *reais*, não são? Sabemos disso porque conseguimos *vê-las, ouvi-las e senti-las*. Por consequência, *sabemos* que estamos vivenciando algo ‘real’. Mas um sujeito sob a influência de uma substância poderosa como LSD *sabe, vê e sente* uma ‘realidade’ completamente diferente, que lhe é tão convincente quanto o auditório é para nós agora. Tudo de que precisamos é a intervenção de uma alteração minúscula na complexa química de nosso cérebro para nos sentirmos felizes ou afundarmos em depressão, para ficarmos muito calmos ou extremamente violentos, apáticos ou agitados, imaginativos ou inertes, independentemente da realidade ‘objetiva’ ao nosso redor, do passado e do conhecimento e da informação acumulados, que moldaram nossas convicções, crenças e nossos comportamentos a princípio tão sólidos.

“Como resultado, eu me perguntei que tipo de *realidade* descreve um sujeito em estado de hipnose; seria a daquele momento único e impossível de repetir, a chamada realidade ‘objetiva’? A realidade ‘subjetiva’ sugerida pelo examinador? A realidade cimentada por convicções e crenças acumuladas durante uma vida inteira, ou a realidade que podemos chamar de *transcendental*, que não é resultado dos processos cognitivos comuns? Será que o sujeito comunica o que *acredita*, o que *vê*, ou apenas o que intui que seu *guia* mental, o terapeuta, quer que ele comunique?

“Agora, vamos passar para a segunda parte de nosso encontro, com perguntas da plateia. Combinei com os organizadores que vamos nos limitar a cinco, para não estourar o tempo. Vamos chamar as pessoas que colocaram o nome na lista da entrada. No fim, darei uma sessão de autógrafos naquele estande. Obrigado pelo seu tempo, e foi uma honra e um privilégio estar aqui hoje.”

\*

Naquela noite, após a palestra, meu plano era jantar com Randolph Jackson, um amigo, e Brenda Reuben, minha agente. Mas Brenda estava muito gripada, e Randolph descobriu em cima da hora que precisaria ir a Atlantic City na manhã seguinte, então não pôde ficar. Falei a Brenda que fosse descansar em casa, e saí.

Eu tentava encontrar um táxi quando um homem alto e magro, com porte militar, se aproximou. Ele parecia ter uns 60 e poucos anos e exibia um bigode fino, do tipo que era moda entre os garanhões da década de 1930. Seu terno era escuro, coberto por uma capa de chuva do mesmo tom, e ele se apresentou como Joshua Fleischer.

Como regra, tento evitar contato com membros da plateia depois de uma sessão de autógrafos ou palestra. Os que me procuram costumam ser cansativos, e é sempre difícil escapular de suas perguntas. Às vezes, após essas conversas, eles me mandam cartas ou e-mails enormes me alertando que todo o meu dinheiro e minha fama não me salvarão das labaredas do inferno.

O homem disse:

— Gostaria que jantasse comigo, Dr. Cobb.

Nós estávamos parados diante da livraria, e um vento forte nos atingia, erguendo a barra do casaco aberto dele. Embaixo de um de seus braços estava uma cópia do meu livro, que o homem apertava como se tivesse medo de perder.

— Obrigado, mas já tenho planos — respondi, começando a descer os degraus.

Ele segurou de leve meu ombro.

— Um monte de gente esquisita deve tentar falar com você depois desses eventos, mas juro que não é o meu caso. Tenho certeza de que você vai ficar muito interessado no que tenho para contar. Conheço a fundo seu trabalho e sei do que estou falando. Li o seu livro no mês passado, assim que foi lançado,

e logo soube que o senhor era a pessoa por quem eu estava procurando.

Agradei outra vez, mas recusei o convite de novo. O homem não insistiu, mas esperou ao meu lado até um táxi se dignar a parar.

— Vou mandar um e-mail para você — alertou ele. — Por favor, não o deixe parar na caixa de spam. É muito importante, você vai ver.

Conforme eu entrava no carro, ouvi o homem tossir. Era uma tosse profunda, exaustiva, do tipo que só ocorre em pessoas muito doentes.

O encontro permaneceu esquecido até a tarde em que o e-mail chegou, dois dias depois, em uma quinta-feira. Seu conteúdo era o seguinte:

Prezado James (se me permite a intimidade),  
Talvez tivesse sido melhor abordá-lo de outra maneira, mas achei que precisávamos nos encontrar pessoalmente. Não sou um chato nem um maluco. Muito menos obcecado com ciências ocultas, eventos paranormais ou mundos paralelos.

Talvez seja bom começar contando um pouco mais sobre mim.

Você já sabe meu nome. Se prestou atenção naquela noite, deve lembrar que me chamo Joshua Fleischer. Nasci na cidade de Nova York, me formei em Princeton em 1976, com um bacharelado em inglês, e ganhei uma fortuna no mercado de ações no começo da década de 1980. Em 1999, após um incidente trágico, me mudei para o Maine. Eu disse a mim mesmo que estava cansado de viver na cidade grande, e comprei uma casa perto de uma bela reserva florestal. Nunca me casei, não tenho

filhos nem parentes próximos, perdi meus pais aos 18 anos. Parte da família da minha mãe ainda mora no norte do Estado de Nova York, mas deve fazer mais de trinta anos desde a última vez que nos falamos por telefone.

Espero que você já não tenha chegado à conclusão de que sou um ermitão ou um misantropo, um troglodita que se esconde atrás do dinheiro e de sua influência. Garanto que tenho uma vida social extremamente ativa. Nunca me casei por medo de, mais cedo ou mais tarde, ter que comparecer ao enterro da minha amada e depois ser condenado a continuar vivendo, ou — ainda pior — ter que forçá-la a passar por isso. Pode ser que eu esteja apenas criando complicações, ou quem sabe nunca tenha encontrado a pessoa certa, alguém que me faça acreditar que nos encontraremos após a morte. Muitas mulheres passaram pela minha vida, e algumas foram muito importantes. Mas nunca tão importantes a ponto de eu chamar aquilo de “amor”, exceto por uma, muito tempo atrás. Vou contar sobre ela na hora certa, se você aceitar minha proposta.

Mas vamos seguir em frente... Participei da diretoria de mais de uma dúzia de fundações e instituições de caridade. Por um tempo, dei aulas de inglês em uma escola em Bangor para crianças com necessidades especiais. Também fui voluntário em um programa de assistência domiciliar para pessoas carentes no condado de Mineral, onde moro. Nunca tive tempo de me sentir entediado ou de me fazer muitas perguntas.

Há dois anos, fui diagnosticado com um tipo raro de leucemia. Os médicos disseram que poderia ser genético — meu avô paterno faleceu da mesma doença. Não senti pena de mim mesmo e não reclamei. Fiz tudo o que

médicos mandaram e assinei todos os cheques que foram precisos, porém, três meses atrás, me disseram que perdi a batalha e que não havia mais nada a ser feito. Os remédios fizeram seu trabalho e me deram um ano extra de vida.

Não tenho medo do que está por vir e não penso que faça diferença se acontecer amanhã ou daqui a dez anos, contanto que minha partida não cause sofrimento a mais ninguém.

Porém, ainda tenho uma tarefa pendente, e é uma questão de vida ou morte, para usar uma expressão que talvez soe ridícula, dada a situação em que me encontro. E estou convencido de que você, James, pode me ajudar nessa.

Só posso explicar do que estou falando pessoalmente, e era por isso que esperava ter a oportunidade de conversarmos naquela noite. Mas não quis insistir, para não passar a impressão de ser intrusivo e, portanto, acabar com qualquer possibilidade de você aceitar minha proposta. Também acho que o que tenho para lhe contar está em conformidade com seus interesses científicos sobre estados alterados de consciência.

Se você aceitar, será meu convidado aqui no Maine por alguns dias. Meu advogado se chama Richard Orrin, e acrescentei os contatos dele abaixo. Ele vai lhe informar sobre os detalhes práticos.

Cada dia é precioso, James. Minha única esperança é que você tome logo uma decisão, e que ela seja positiva.

Até lá, deixo claro meu apreço por você e lhe desejo tudo de bom.

Um abraço,  
Josh

No fim da mensagem, encontrei o telefone e o endereço do advogado.

Passei a noite inteira pensando no e-mail de Fleischer.

A escrita era fluente e coerente. As informações que encontrei com uma pesquisa na internet confirmavam seu conteúdo. Fleischer era um grande incentivador das artes no condado onde morava, e a imprensa local não lhe poupava elogios. Ele ajudara adolescentes pobres a frequentar faculdades, vítimas de relacionamentos abusivos a construir novas vidas para si mesmas, ex-presidiários a se reintegrar à sociedade e crianças com necessidades especiais a receber o melhor tratamento e educação. Ele havia se tornado uma lenda, um misto de santo e guru. Os jornalistas locais faziam alusões discretas e compassivas à “doença terrível” que nos últimos tempos o acometera.

Tudo que o homem escrevera parecia verdade. E alguém que dedicara sua vida a ajudar os outros merecia que lhe estendessem a mão.

O lançamento do meu livro marcara o fim da minha pesquisa na Fundação J. L. Bridgewater, e seria bom tirar férias. Nos últimos tempos, eu tinha me envolvido com uma colega de trabalho, Mina Waters, mas fazia dois meses que havíamos terminado. Nenhum de nós tinha idade para alimentar ilusões, e estava claro que alguma coisa simplesmente não se encaixava. Eu sentia falta dela às vezes, mas não o suficiente para quebrar nosso acordo e ligar para ela.

Então eu tinha bastante tempo livre, mesmo se os poucos dias previstos por Joshua Fleischer se transformassem em uma estada mais demorada. Eu tinha praticamente certeza de que minha visita envolveria sessões de terapia, um tipo de preparo para a morte com um homem que, de acordo com as próprias declarações, não acreditava em Deus nem em vida após a mor-

te e, portanto, não encontraria grande consolo na religião. E esse era outro motivo para valorizar ainda mais sua filantropia. Nunca acreditei na caridade que surge apenas pela fé, na bondade de pessoas que assinam cheques para instituições da mesma maneira que são obrigadas a pagar impostos, daquelas que colocam dinheiro em caixas de doações como se fizessem uma oferenda para uma divindade que temem, e não por um senso de humanidade.